

PAREDES DE VIDRO: REFLEXÕES SOBRE A FALTA DE DIÁLOGO DOCENTE

GLASS WALLS: REFLECTIONS ON THE LACK OF TEACHING DIALOGUE

Alessandra Ancona de Faria

Pós-doutorado em Educação. Formadora do Instituto Avisa Lá. Jundiaí, SP – Brasil
leleancona@hotmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre conflitos existentes na escola do ponto de vista de um grupo de professoras. Apresento uma proposta de formação de professores na qual trabalhamos com jogos teatrais associados à escrita dramaturgica, com a reflexão sobre ambos permeando todo o trabalho. Optei por partir de temáticas relevantes sobre o cotidiano docente deste grupo de professores, explorando-os cenicamente, por intermédio da participação em improvisações com base no jogo teatral, que se somaram à reflexão sobre os mesmos e a elaboração de textos dramaturgicos, podendo assim construir uma proposta de formação continuada na qual o professor experimentasse um modo criativo de reflexão sobre sua prática. Pensar sobre todas as inquietações e questões apresentadas foi uma grande possibilidade de compreendermos a escola sob muitos pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Pedagogia do teatro. Jogos teatrais. Escrita dramaturgica. Criação.

ABSTRACT: This article presents a reflection on conflicts in school from the point of view of a group of teachers. I present a proposal for training teachers in which we work with theater games associated with playwright, with reflection on both permeating all work. I chose starting from relevant thematic about the daily life of this group of teachers, exploring them scenically, through the participation in improvisations based on the theater game, plus the reflection on them and playwrighting, so building a proposal for ongoing formation in which the teacher experienced a creative mode of thinking about

his practice. Think about all the concerns and issues presented was a great opportunity to understand the school in many ways.

KEY WORDS: Training of teachers. Theatre pedagogy. Theater games. Dramaturgical writing. Creation.

Início este artigo com uma cena teatral que traduz de forma dramática a minha impressão sobre os diferentes conflitos enfrentados por professores na escola, no exercício da docência.

CENÁRIO: O cenário é composto por paredes de vidro, por onde escorre água. No chão, também, há água, formando poças. É necessário que existam suportes ou ganchos onde as atrizes possam se segurar.

PERSONAGENS: Quatro professoras vestidas, apenas, com malhas e meias cor da pele. Duas pessoas que atuam como carregadores, vestidos de preto.

A cena se inicia com o palco vazio, somente com a água escorrendo pelas paredes de vidro. É possível ver o pé de uma das professoras. Em partes diferentes do cenário, aparecem as quatro professoras que vão escorregando lentamente pelas paredes de vidro, cada uma em um ritmo diferente da outra, porém todas tentam desesperadamente se manter na parte de cima da parede de vidro.

PROFESSORA 1: Ele dava pena, eu não sabia o que fazer, o menino vinha todo dia com uma cara de fome que não adiantava mais comer. Um dia, tentei dar um lanche a mais, chamei ele para conversar e ofereci o maior sanduíche que existia na lanchonete. É claro que eu sabia que isso não queria dizer nada, seria só um lanche. Mas pensei que poderia adiantar, que, pelo menos, naquele dia, ele mudaria de cara. Que tonta eu, mas ele ficou com uma cara alegre. Não adiantou nada porque, mesmo alegre, continuava com cara de fome. Nem sei se tinha fome mesmo, nem sei do que era a fome. Na minha barriga ia crescendo um vazio cada vez maior.

PROFESSORA 2: Eu já não aprendo mais nenhum nome, já quase não pergunto mais. Não são dos alunos, destes já não aprendo faz muito tempo. Não aprendo mais os nomes dos professores. Parece dança das cadeiras, quando você vê, a cadeira já foi ocupada por outro e aquilo que você havia pensado em fazer junto fica para o dia que der, quem sabe no ano que vem.

PROFESSORA 3: Comecei a ter asma, claro que é mentira isso. Quem é que começa a ter asma depois dos 30 anos de idade? Eu tenho é claustrofobia de ver tanta gente na minha frente. Fico olhando aquelas crianças e não sei o que fazer com tanto pedido, com tanta menina falando: “Tia, eu posso ir no banheiro?”, “Tia, me dá mais uma folha?”, “Tia, olha aqui se ficou bom o meu desenho!” Tenho vontade de tampar os ouvidos, fico apressada, fico agoniada de não conseguir que eles deem passos mais largos, mais amplos. Quando um quer andar, correr, saltar, tem sempre alguns que seguram, que ficam para trás e eu fico com eles, sem poder ajudar os que correm a não cair. Tenho asma.

(Enquanto a professora 3 fala, a professora 1 chega ao chão, onde fica deitada imóvel. Neste momento, os dois carregadores entram no palco e carregam a professora 1 para a coxia. No meio da fala da professora 4, ela reaparece no mesmo ponto do início da cena e recomeça a escorregar. Isto ocorre com todas as professoras, conforme chegam ao chão).

PROFESSORA 4: Não adianta reclamar, não há salário que baste, não há vontade que chegue para melhorar coisa nenhuma. É sempre o mesmo nhém nhém nhém, a mesma ladainha de sempre. Falta é olhar para os lados e procurar o que fazer, como melhorar. Mas nada melhora com esse monte de gente que não tá nem aí com nada. Dá uma aula bem porcaria para fazer jus ao que ganha.

PROFESSORA 2: Não sei onde está escrito quem responde pelo quê, sei que tem coisas pelas quais ninguém responde, não compete a ninguém, vão andando empurradas até que explodem e aí não adianta mais reclamar. Em algum lugar devem estar definidas quais

são as funções de cada funcionário, do professor, do coordenador, do diretor, da merendeira, do porteiro. Mas ninguém nunca leu e, se leu, escondeu. Eu sei é que sobram alunos perdidos.

PROFESSORA 1: Perdidos estão os pais, “tão longe, de mim distante, onde irá, onde irá teu pensamento?”... Estão perdidos em alguma floresta encantada que não deixa que eles olhem as lições dos filhos, nem as orelhas, nem as unhas, nem os decotes. Não olham para nada. Devem andar de venda dentro de casa.

PROFESSORA 4: Me falta vontade, tenho uma preguiça danada quando vejo estas pilhas de papéis mal escritos que eu tenho que ler. Sou tomada de momentos dom quixotescos, nos quais resolvo que vou conseguir, que vou fazer com que estes meninos aprendam a ler, a escrever, a apreciar um bom romance. Começo a agendar visitas aos museus, promovo um clube de leitura, são poucos os que aparecem. Eu não queria poucos, queria todos, mas continuo com os poucos porque alguns fazem descobertas fascinantes, me contam sobre o livro lido com mais encanto que criança quando vê o Papai Noel. Continuo, escondo a preguiça, choro de emoção e volto a corrigir a pilha de redações.

PROFESSORA 3: Quando comecei, sonhava com uma sala bem equipada, com uma estante de livros de madeira clara, com espaço para colocar alguns livros de frente, com um tapete com almofadas para ser o canto da leitura. Uma sala com mesas amplas e lápis colorido em potinhos para cada aluno, além do lápis preto, da borracha, do apontador. Um armário com os mapas que usaríamos no decorrer do ano e dois murais, um para os trabalhos dos alunos e um para os recados, as notícias... Não existia computador e não fazia falta um *power-point*. Agora sonho com uma sala com carteiras inteiras, que não estejam quebradas e que tenha uma para cada aluno. Não seria a sala do sonho, mas, se fosse assim e limpa, já seria bom demais. E se todos os alunos tivessem caderno e estojo completo, já chegaria perto do paraíso!

Como parte de minha pesquisa de doutorado¹ desenvolvi uma proposta de formação de professores que se realizou em 12 encontros nos quais trabalhamos com jogos teatrais associados à escrita dramaturgica. A reflexão permeou todos os encontros e é sobre estas reflexões que este texto se debruça.

A cada encontro, refletíamos sobre os jogos, sobre os temas escolhidos, sobre as situações vividas pelas professoras em seu cotidiano escolar. Lembrávamos casos, lembrávamos fatos vividos, sentimentos, situações passadas tanto na condição de professora como de aluna. Foram trazidos exemplos que se relacionavam aos jogos, personagens reais com as quais cada uma das professoras se deparou em seu cotidiano, pais, alunos, diretoras, inspetores, serventes...

Pensar sobre todas as inquietações e questões apresentadas foi uma grande possibilidade de compreendermos a escola sob muitos pontos de vista, porém as conquistas não conseguiram fazer com que desaparecesse o sentimento de impotência, a angústia, a revolta, a frustração, mesmo que todos estes sentimentos estivessem acompanhados do desejo de mudança, da crença de que se não fosse possível resolver o gigantesco universo de ausências, de problemas, ao menos buscaríamos formas de melhorar no espaço onde nossos braços alcançassem.

A cena que abre este artigo mostra parte desses sentimentos, ainda que seja mais forte a tristeza e a impotência nela apresentadas. O texto que se segue apresenta nossas reflexões, tendo como referência os temas explorados nos encontros. Procuro mostrar a importância da troca de ideias, de enfoques, de percepção para a conquista de uma docência criativa.

No decorrer de todo o trabalho de campo desenvolvido com as professoras, estabelecemos diferentes momentos para refletir sobre o processo de jogo teatral e da escrita dramaturgica. Ao iniciar o trabalho, foi lido o relato referente ao encontro anterior, que buscava ser um instrumento principalmente de reflexão. Após a leitura, as demais participantes complementaram o que foi necessário para este momento de retomada sobre o trabalho realizado.

No final dos jogos ou de parte deles, também, existiram momentos de reflexão sobre o ocorrido, relacionando-os aos temas escolhidos. A leitura das cenas escritas pelas professoras foi intercalada de momentos de discussão sobre os aspectos trazidos pelos textos, que possibilitavam uma

maior compreensão tanto da temática escolhida quanto dos jogos que haviam gerado as cenas, ou mesmo sobre o processo de escrita dramatúrgica.

Tivemos ainda dois encontros destinados somente à reflexão e avaliação do trabalho desenvolvido, sendo um no meio da pesquisa e outro no final.

A escolha por termos diferentes momentos de reflexão, assim como diferentes instrumentos, já que além de conversarmos sobre o ocorrido também foram feitas reflexões escritas, se deve ao fato de compreendermos que será somente com a retomada do jogo, com o pensar e com a troca de opiniões que poderemos nos apropriar da experiência e ampliar seu significado, relacionando-a a outras situações e questões.

“Convém observar a posição aqui assumida de que a criação, em seu sentido mais significativo e mais profundo, tem como uma das premissas a percepção consciente” (OSTROWER, 1987, p. 6). Esta fala de Ostrower deixa clara a importância da compreensão do processo criativo experimentado no jogo, não apenas como forma de compreensão distanciada do fazer criativo, mas como necessidade para que a criação ocorra. A criatividade se dá com a consciência de seus atos, de suas escolhas.

Foram escolhidos quatro temas para serem explorados no decorrer da pesquisa, sendo que cada um poderia se desenvolver pelo tempo que fosse necessário. Optei por partir de temáticas relevantes sobre o cotidiano docente deste grupo de professores, explorando-os cenicamente, por intermédio da participação em improvisações com base no jogo teatral, que se somaram à reflexão sobre os mesmos e a elaboração de textos dramatúrgicos, podendo assim construir uma proposta de formação continuada na qual o professor experimentasse um modo criativo de reflexão sobre sua prática. Embora o grupo tenha selecionado um número de temas bastante grande, foi possível explorar somente quatro deles, que foram: gestão, crise de valores sociais, relacionamento professor e aluno e responsabilidade compartilhada. A reflexão ocorrida nesta proposta de formação será apresentada pelos temas abordados, relacionando-os aos jogos propostos.

1.1 Gestão

O primeiro jogo proposto para o tema gestão foi *Tensão Silenciosa*², no qual a situação imaginada deveria se relacionar ao tema

da gestão. Como este foi o primeiro encontro no qual trabalhamos com jogos, foi difícil para o grupo a compreensão da proposta e as situações criadas demonstraram a existência de alguma tensão, que, entretanto, não impediram a fala. Foram propostas pelas participantes duas situações. A primeira foi a aplicação de uma prova que é interrompida pela diretora para dar um aviso à professora, criando o conflito entre ouvir a diretora ou vigiar as possíveis *colas* dos alunos. A segunda situação foi a visita de uma supervisora a uma escola na qual faltou água e os alunos foram parcialmente dispensados. A diretora percorre as salas com a supervisora tentando esconder o fato da dispensa que é relatado por uma das professoras.

Ao refletirmos sobre as cenas criadas, surgiram questões referentes à primeira cena, como a da falta de programação prévia das escolas, que acaba fazendo com que a diretora venha falar com a professora no momento da prova, além de partir-se do pressuposto de que é natural os alunos colarem nas provas.

Na segunda cena, comentamos sobre o despreparo da escola para a falta de água, o fato de as professoras não terem seguido a orientação da diretora e a tentativa de omiti-lo da supervisora. Foi comentado pelo grupo o fato de nesta situação não existir uma previsão do que fazer com um acontecimento como esse, que, embora não seja cotidiano, é frequente e previsível.

Foram abordados diversos aspectos apresentados pela cena, como o descrédito da diretora, já que as professoras não seguem a sua orientação; a postura da supervisora, que se preocupa somente com o fato de os alunos terem sido dispensados, não se preocupando com a falta de água, com a falta de comunicação entre os profissionais, e com a tentativa de esconder um fato de uma profissional que deveria trabalhar junto com a escola.

Em alguns momentos, foi observado que o problema dessa situação era a supervisora ter aparecido na escola justamente neste dia, como se os demais problemas apresentados pela cena não fossem tão significativos quanto o fato de a supervisora, encarada como uma chefia, ter percebido o ocorrido.

Nas duas situações, assim como na reflexão sobre ambas, fica evidente a falta de trabalho conjunto e o fato da não existência de uma equipe com a qual o trabalho é realizado e as dificuldades superadas.

1.2 Crise de valores sociais

Para a exploração dessa temática, foi sugerido o jogo *Vendo o Mundo*³ em que cada narrativa deveria ser feita como uma personagem sorteada das personagens criadas pelas professoras no encontro anterior. Após a realização do jogo *Vendo o Mundo*, foi sugerida uma improvisação quando cada participante entraria com a personagem trabalhada nos dois jogos anteriores e com o Onde⁴ definido como uma festa junina de uma escola. No meio das cenas, eu informei que havia ocorrido o som de um tiro.

Ao comentarmos as improvisações feitas, foi ressaltada a professora que trabalhava na barraca e demonstrava estar insatisfeita com a situação, caso recorrente de acordo com a opinião do grupo. Observei o fato de ela estar mais preocupada com as prendas que poderiam ser roubadas do que com os alunos e retomamos o aspecto da gestão dentro desta situação, uma vez que o professor pode se sentir responsabilizado pelos bens materiais, tendo uma atitude como esta.

Em estudo que realizei em 1978 a respeito da satisfação/insatisfação no trabalho com professores de doze escolas municipais de 1ª a 4ª séries da cidade de São Paulo foi observada, de fato, uma tendência da maioria das professoras, quando solicitadas a identificarem os fatores de satisfação/insatisfação no trabalho, a apontarem os intrínsecos como de satisfação (perceber o produto do próprio trabalho, trabalhar com gente –crianças) e os extrínsecos como de insatisfação (baixa remuneração, trabalho burocrático), o mesmo ocorrendo em pesquisas mais recentes. (PENIN, 2008).

Embora Penin aponte os fatores extrínsecos ao trabalho como responsáveis pela insatisfação dos professores, é interessante observar que a situação criada, na qual a professora é obrigada a trabalhar em uma barraca da festa junina da escola, também gera insatisfação. De fato, podemos observar que a função assumida não é uma função docente, além do fato de que, muito provavelmente, a festa ocorra em horário diferente do seu horário de trabalho, aspectos que se relacionam aos fatores apontados por Penin.

As cenas ainda suscitaram discussões sobre a postura da família, evidenciada pelo pai que bebia e pela ausência dos pais de uma aluna ainda pequena que estava na festa junina sozinha. Também foi comentado sobre a visão preconceituosa para com a aluna que desafiava a coordenação, utilizando roupas provocantes, já sendo apontada como possível responsável pelo tiro. Outro aspecto foi o da aluna que só estava interessada em se “amassar” com o Joãozinho. O receio de roubo e violência também foi apresentado pela postura da professora que demonstra medo em ter as prendas roubadas.

Discutimos a questão da banalização da violência, na qual foram colocadas opiniões sobre a indiferença com que se trata uma situação como esta, no sentido de que, atualmente, a maior parte das pessoas que ouve um tiro ignoraria o fato, mantendo-se em sua atividade. Questionei o grupo sobre esta opinião, discordando de que a maior parte das pessoas encare essa situação sem medo. Durante essa discussão, em diversos momentos, surgiram comentários sobre a provável atitude de professores ignorarem um fato como um tiro, como se nosso grupo não fosse de professores. Novamente, retomei a questão, lembrando que somos todas professoras e que nenhuma de nós trataria uma situação dessas ignorando o medo e o perigo apresentados. Este não foi o primeiro momento no qual eu observei uma postura de generalização de condutas dos professores, que se diferenciam daquela que as professoras ali presentes tomariam.

Voltamos então ao que já afirmamos: o professor não é uma entidade abstrata, um protótipo idealizado como muitas vezes o vemos tratado na pesquisa, em textos reflexivos em educação, ou em documentos de políticas públicas ou intervenções educacionais. Ele é uma pessoa de um certo tempo e lugar. Datado e situado, fruto de relações vividas, de uma dada ambiência que o expõe ou não a saberes, que podem ou não ser importantes para sua ação profissional. (GATTI, 1996, p. 88).

A fala de Gatti evidencia não apenas a visão de pesquisas ou documentos, mas de professores que assumem o discurso como um todo, como uma classe abstrata, com valores e condutas que não seriam a delas, mas daquele grupo ou de boa parte dos professores com quem convivem.

Assume-se, para a classe docente, o discurso da banalização da violência que passa a ser tratado de forma generalizante.

Na discussão com o grupo, ao afirmarem que a maioria dos professores ignoraria a situação de violência, as professoras não apenas apresentaram uma visão do todo dos professores como uma classe levada pela pouca reflexão sobre questões fundamentais da sociedade, como demonstram uma não identificação com sua classe, uma vez que afirmam que teriam uma atitude totalmente diversa, seja pelo medo que a situação gera, como pela gravidade da mesma.

A última cena trouxe a discussão da desvalorização do professor. Foram abordados muitos aspectos sobre a atual condição docente, desde as condições salariais, o pouco reconhecimento social, que é ainda menor quando se é professor de educação infantil, o excesso de trabalho, a falta de remuneração pelo trabalho realizado fora do espaço escolar; porém, o que ficou mais claro foi a falta de valorização pelo próprio professor. Como solução para esta situação foi apontada a necessidade de o professor se valorizar por si só, ao que eu rebati com a necessidade de fortalecermos o trabalho coletivo. É muito recorrente a crença de que só fica nessa profissão quem ama o que faz.

Esta fala traz a perspectiva da profissão de professor como uma vocação, que só poderá se efetivar mediante uma dedicação completa, sem interesse, sem qualquer caracterização profissional, como explica Fanfani (2007, p. 343):

También es importante recordar que el oficio docente siempre tendió a definirse como una mezcla no siempre equilibrada de profesionalismo y de vocación. La idea de “misión” impone un deber de humildad y de dedicación cualidades clásicas del buen maestro de escuela.

Tal perspectiva exclui a necessidade de trabalho conjunto e de reflexão sobre as condições que a educação tem vivido, sobre os papéis assumidos pelos professores e, também, pelas escolas, como instituições que passaram a abarcar diferentes funções, não conseguindo, em sua maioria, obter qualidade em qualquer uma delas.

1.3 Relacionamento professor-aluno

Como forma de explorarmos a temática relacionamento professor-aluno, realizamos o jogo *Contato*⁵, mobilizando o grupo para uma grande discussão sobre a importância do contato físico entre professor e alunos. Diversos aspectos foram considerados, como a diferença entre as possíveis formas de contato, conforme a faixa etária com que se trabalha. Na discussão, veio à tona uma das cenas na qual seria muito difícil ajudar a criança que havia se machucado sem o contato corporal. Ficou clara a importância do contato físico nas diferentes faixas etárias, apesar das diferenças e da necessidade de se esclarecer os limites deste contato.

Cris⁶ comentou como o contato é mais fácil de ocorrer quando é para acolher o aluno em uma situação de dor, do que em uma situação de alegria. Ficou claro para todo o grupo que é necessário que o professor estabeleça algum contato com o aluno, seja pelo contato físico, seja de outras formas, porém esclarecendo ao aluno que ele é tratado de forma particular e não como um número a mais.

Lilá relatou um caso de dois alunos no qual ela conseguiu mudar uma conduta de dificuldade de aprendizagem ao pedir que eles a auxiliassem no trabalho, levando a bolsa dela ou pequenas atividades semelhantes. Ficou claro para o grupo que demonstrar confiança no aluno é uma maneira de conquistá-lo para o aprendizado.

Júlia apontou a dificuldade que o professor iniciante tem para saber como lidar com os alunos. Ana comentou que em todos os momentos são apresentados desafios, não apenas no início da carreira docente, relatando uma situação de dificuldade de relacionamento com o grupo de alunos que quase fez com que ela desistisse da carreira.

Questionadas se o principal desafio do professor é o de estabelecer uma boa relação com os alunos, o grupo confirmou, apontando como recursos para esta dificuldade o estabelecimento de regras de convívio no início do trabalho e a certeza de estar fazendo um bom trabalho, ainda que considerem que parte da aula depende do aluno.

Como formas de o professor conquistar esta segurança, foi sugerida a necessidade da preparação da aula e a importância de ser estabelecida uma rotina de trabalho. Novamente, nessa fala, não aparece

o coletivo como possibilidade de construção do trabalho e de reflexão sobre as opções feitas.

Na avaliação das cenas, foi retomado um momento em que uma personagem professora elogia uma aluna que não apresenta dificuldades em compreender a matéria, em oposição à outra que tinha muitas dúvidas. No momento em que a cena ocorreu, uma das participantes comentou sobre o preconceito expresso pela professora. Ficou evidente, nesse procedimento, o quanto fazemos comentários que reforçam a ideia de que o bom aluno é aquele que não tem dúvidas e não questiona o professor, ao mesmo tempo em que pregamos a formação de cidadãos críticos.

Esta situação demonstrou as possibilidades que o jogo trouxe à percepção de condutas pouco conscientes, uma vez que a professora sequer havia se conscientizado do comentário feito, não sendo, apenas, um comentário de um personagem, mas algo que poderia ter sido dito por ela enquanto docente. Somente no momento da reflexão coletiva é que ela se questionou sobre a atitude tomada.

Na reflexão sobre as cenas, ficou claro para o grupo a importância dos alunos participarem no estabelecimento de regras e normas. Foi feita a ressalva de que na educação infantil os alunos são muito severos com as punições que propõem, sendo necessária a mediação do professor para que estas regras sejam adequadas.

Retomei uma fala apresentada em uma das cenas na qual a professora afirma a necessidade de manter os seus objetivos, questionando se os objetivos dos alunos são diferentes. A princípio, o grupo reagiu afirmando serem diferentes, mas, ao debatermos melhor a questão, surgiu a visão de que os alunos e professores têm objetivos comuns, sendo o aprendizado o central, embora parte dos alunos não tenha esta intenção. Foi ressaltada a importância de termos em mente a maioria do grupo e, não apenas, os alunos com problemas de inadequação ao trabalho.

A discussão da dificuldade em lidar com o aluno que não quer aprender se somou à reflexão sobre o papel da escola, pela ausência dos pais no que diz respeito à educação dos filhos, deixando para a escola um papel duplo. Nesse momento, ficaram evidentes as dificuldades enfrentadas pelos professores, que assumem papéis que não lhes cabem, devido ao convívio com crianças que não são assistidas pela família ou por qualquer outra instituição, fazendo com que esta confusão se instaure.

1.4 Responsabilidade compartilhada

Para a temática responsabilidade compartilhada, no décimo encontro, último em que realizamos jogos teatrais, pedi que cada uma das participantes escolhesse características de qualquer professor que escrevi na lousa. As palavras foram: versátil, dinâmico, rígido, criativo, lento, áspero, severo, falante, gorda, atencioso, assíduo, organizada, relaxada, feliz, cansada, responsável, estressada, compromissada, neurótica, sistemática, vaidosa, caprichosa. Com as características escritas, pedi que cada uma escolhesse algumas delas, de forma a criar uma personagem de professor. Depois disso, escolhemos três situações-problemas, sendo que, necessariamente, deveriam ser uma em educação infantil, uma em ensino médio e a terceira que envolvesse a coordenação da escola.

As situações-problemas criadas foram:

- uma professora que maltrata um aluno de educação infantil; os maus-tratos são psicológicos e verbais;
- um aluno do ensino médio que dorme toda aula e que reage de forma agressiva com a professora quando esta tenta acordá-lo;
- um professor que enche a lousa com matéria, não se utilizando de nenhuma outra estratégia de aprendizagem.

Dividi o grupo em trios e solicitei que elas improvisassem uma cena na qual deveriam conversar sobre um dos conflitos, assumindo a postura e os argumentos da professora que elas haviam criado anteriormente.

Na primeira cena, foi discutida a situação do professor que, apenas, coloca a matéria na lousa e a Júlia representou uma professora que não tinha o menor interesse em conversar sobre o assunto, argumentando que era problema do professor somente, que a coordenação não deveria se intrometer nisso. Lilá e Néia defendiam a postura de que algo deveria ser feito, já que os alunos estavam sendo prejudicados. As três conseguiram deixar a personagem bem caracterizada, tanto na forma de se movimentar como nos argumentos utilizados.

A segunda cena, feita pela Rocha, Memê e Cris discutia a situação do aluno que dormia em sala de aula. Esta sugestão foi dada pela Memê e ela assumiu o papel da professora que está com o problema. Transpareceu

ser algo que ela realmente vivencia em sua prática docente. As personagens apareceram muito pouco e os argumentos giraram em torno da possibilidade de a professora conversar com o aluno para tentar alterar esta postura, o que era rebatido com a necessidade de uma intervenção da coordenação para que, então, a professora pudesse retomar a conversa com o aluno.

A terceira cena debateu a situação da criança que sofre maus-tratos por parte de uma professora. Jô entrou claramente como uma personagem e conseguiu manter a caracterização da mesma, embora a Ana e a Sandra não tenham caracterizado muito bem as suas personagens, agindo como elas mesmas. Durante a conversa, elas ponderaram sobre os problemas que a professora deveria estar passando para agir daquela forma, uma vez que ela sempre havia sido uma boa educadora. Definiram que uma delas conversaria com a agressora e que, ainda, não levariam a questão para a coordenação.

Ao debatermos as cenas, Memê apresentou a questão do professor que não sabe o que fazer com o aluno que dorme e que, muitas vezes, não leva o problema para a coordenação, pois não terá o respaldo da mesma. Sandra, que é coordenadora, disse que, muitas vezes, procura os professores para falar sobre problemas que estão ocorrendo e que o professor não apresenta nenhuma receptividade para encontrar soluções conjuntamente.

Ao refletirmos sobre o caso do aluno maltratado, ficou evidente a dificuldade de expor um colega que esteja com uma conduta inadequada. Foram apresentados diversos argumentos, desde a questão ética, até do protecionismo que observamos entre os pares. Algumas professoras relataram casos nos quais elas chegaram a conversar com alguma colega que teve uma atitude inadequada, mas ficou evidente a dificuldade de apresentar a queixa para outras instâncias. Júlia argumentou da dificuldade de falar sobre o trabalho do outro com receio de que ele faça o mesmo.

Ficou clara a atitude corporativa, e Rocha pontuou o desconhecimento dos aspectos legais que estão implicados e as formas de lidarmos com condutas inadequadas dos professores. Comentamos sobre a solidão resultante desta postura de não desejar a interferência dos colegas, por receio de críticas.

Nas situações propostas e debatidas nas cenas, a solidão docente transparece em diversas facetas, seja no professor que enfrenta dificuldades com o aluno que dorme e não solicita auxílio da coordenação por não acreditar no seu apoio, no professor que não utiliza recursos didáticos além

da escrita de conteúdo na lousa e que tampouco busca a troca com seus pares e, por fim, da professora que agride um aluno ou das professoras que assistem à agressão e, por receio das consequências, preferem “proteger” a colega a enfrentar o problema e respeitar o direito de integridade do aluno.

As reflexões das participantes, no decorrer dos encontros, evidenciou a importância dada à reflexão, ao questionamento sobre a própria prática e à escuta do outro. Fica claro o sentimento de cooperação, de apoio pelos pares, pelo fato de poderem refletir juntas sobre os conflitos vividos.

Ao retomarmos aspectos explorados surgiram diversas questões dos temas trabalhados, dentre eles: a falta de programação prévia da escola; o despreparo da escola; o descrédito da diretora; a ausência de delimitação de papéis; as mudanças do papel da escola na sociedade; o fato de as metodologias de ensino terem ficado obsoletas; os conflitos vividos sobre o papel da família na formação; a banalização da violência; a necessidade de a aula não ficar focada somente no professor e contar com a participação dos alunos; as dificuldades de comunicação, tanto entre os professores como entre corpo docente e discente; a possibilidade de se colocar no lugar do outro, rompendo com uma atitude na qual observamos pouco o outro para passar a uma em que se valorize a percepção.

O trabalho com o teatro possibilitou para o grupo a percepção de que alguns dos aspectos presentes nos jogos teatrais seriam bastante profícuos na resolução dos conflitos apresentados. É interessante observar que parte dos problemas apresentados poderia ser minimizada, se toda a equipe de educadores tivesse uma atitude de maior preparo para lidar com o inesperado, uma postura que buscasse respostas inusuais para os conflitos vividos. O colocar-se no lugar do outro, experimentado tanto na vivência de personagens como na da plateia poderia ser uma maneira de trabalharmos os diferentes papéis educativos, dos pais e dos educadores.

Nestas temáticas surge, com muita força, a importância da percepção do outro. Toda a estrutura do jogo teatral solicita um trabalho conjunto. Ao estabelecermos um foco comum, cada um precisa estar atento ao grupo para poder manter-se no foco, dentro de uma improvisação. O jogo só ocorre quando olhamos para o outro, quando, além de estarmos conscientes de nossas atitudes e necessidades, também percebemos o todo e interagimos.

Além dos aspectos apontados acima, outras reflexões surgiram com muita intensidade, como a desvalorização do ensino e do professor, a baixa

autoestima, os salários baixos, a necessidade do estabelecimento de uma equipe entre professores, direção, coordenação e funcionários, sem a qual sofre-se de uma solidão permanente, assim como sugestões para uma formação de professores e para a sua prática docente.

Apesar das dificuldades apresentadas serem muitas e de sabermos que a formação docente não tem condição de solucionar todas elas, fica clara a importância da arte como instrumento de reflexão e de mudança de uma prática cristalizada que tem gerado muito sofrimento e desvalorização do ensino.

Notas

- 1 FARIA, Alessandra Ancona de. *Teatro na formação de educadores: O jogo teatral e a escrita dramática*. 2009. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- 2 Este jogo tem como foco o silêncio entre os jogadores. Os jogadores estabelecem o Onde, o Quem e o O Quê e a tensão deve ser tão forte que eles sejam incapazes de falar, como por exemplo: Casal de idade avançada ouvindo um ladrão caminhando no andar térreo. As instruções devem levar ao foco, tais como: Foco no silêncio! Comunique-se através do silêncio!
- 3 Neste jogo deve-se narrar um acontecimento enquanto a orientadora faz indicações que busquem uma descrição maior sobre o que está sendo narrado, tais como: focalize as cores da cena, focalize os sons, etc.
- 4 O Onde é um termo utilizado na proposta de jogos teatrais de Viola Spolin (2008), que se define pelo espaço da cena ou do jogo.
- 5 Neste jogo, para que cada jogador fale, deve-se manter contato corporal com outro jogador.
- 6 Todos os nomes citados são das participantes da pesquisa, que autorizaram sua publicação.

Referências

- FANFANI, E. T. Consideraciones sociológicas sobre profesionalización docente. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, p.343, maio/ago. 2007.
- GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. *Cadernos de pesquisa*, Local de publicação?, n. 98, p. 88, 1996.
- OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- PENIN, S. Profissionalidade: o embate entre o concebido e o vivido. In: XIV ENDIPE, 2008, Porto Alegre, RS. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2008. p. 651.
- SPOLIN, V. Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Recebido em 29 abr. 2014 / Aprovado em 16 set. 2014

Para referenciar este texto

FARIA, A. A. Paredes de vidro: reflexões sobre a falta de diálogo docente. *EccoS*, São Paulo, n. 35, p. 67-82. set./dez. 2014.